

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, COMUNICAÇÃO, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM LÍNGUA PORTUGUESA –*LATO SENSU*

## **A CARACTERIZAÇÃO DO GÊNERO ENTREVISTA ORAL**

Alexandre Fukuya

São Paulo

2014

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, COMUNICAÇÃO, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM LÍNGUA PORTUGUESA – *LATO SENSU*

## **A CARACTERIZAÇÃO DO GÊNERO ENTREVISTA ORAL**

Monografia apresentada à  
Pontifícia Universidade Católica  
de São Paulo para a obtenção do  
título de especialista em Língua  
Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Ana  
Rosa Ferreira Dias

Alexandre Fukuya

São Paulo

2014

## *Sumário*

Introdução	01
Capítulo 1 – O gênero <i>Entrevista</i>	02
Capítulo 2 – O <i>corpus</i>	05
Capítulo 3 – Análise conversacional	18
Considerações finais	38
Referências bibliográficas	39

*A língua não é um simples sistema de regras, mas uma atividade sociointerativa que exorbita o próprio código como tal. Em consequência, o seu uso assume um lugar central e deve ser o principal objeto de nossa observação porque só assim se elimina o risco de transformá-la em mero instrumento de transmissão de informações. A língua é fundamentalmente um fenômeno sociocultural que se determina na relação interativa e contribui de maneira decisiva para a criação de novos mundos e para nos tornar definitivamente humanos (Marcuschi, 2010, p. 125).*

## ***Introdução***

Este trabalho tem por objetivo caracterizar o texto oral, mais especificamente o gênero Entrevista, por meio de uma análise da organização desse gênero, buscando reconhecer aspectos da interação típicas dessa manifestação da oralidade. Para que tal objetivo fosse atingido, foi selecionado como *corpus* uma entrevista em que o autor deste trabalho desempenhou o papel de documentador. O material foi coletado com consciência da gravação, ou seja, a entrevistada sabia da finalidade da conversa, a qual foi captada na íntegra em aparelho de MP3.

No primeiro capítulo, fazem-se algumas considerações acerca do gênero entrevista. Já no segundo capítulo, há informações a respeito do *corpus* deste trabalho, esclarecendo-se as características do evento comunicativo e dos participantes, o tipo de contrato mantido entre eles e a relação entre os interlocutores durante o referido evento comunicativo. Ao longo do terceiro capítulo, apresenta-se a análise propriamente dita. Ao mesmo tempo em que se realiza a análise, apresentam-se, também, os conceitos teóricos, que serviram de base para este trabalho: o turno conversacional, o tópico discursivo, os marcadores conversacionais, os pares adjacentes, bem como as atividades de reformulação do texto oral.

## Capítulo 1 – O gênero entrevista

Há diversas aplicações do gênero oral entrevista e, em todos os casos, trata-se de uma interação social, a qual pode romper isolamentos grupais, individuais e sociais. Em outras palavras, pode-se afirmar que a entrevista é uma forma de se atingir a inter-relação humana. Tal conceito é confirmado por Cremilda de Araújo Medina em *Entrevista: o diálogo possível*. Os envolvidos em uma entrevista interagem, trocando informações e experiências, o que pode gerar modificações e crescimento de ambos. Vale lembrar que a entrevista é um gênero muito presente na atividade jornalística, mas também se manifesta em outras áreas, como ocorre em processos de seleção para cargos profissionais e de avaliação de desempenho, por exemplo.

Em sua obra *A entrevista, seus princípios e métodos*, Annette Garrett afirma que todas as pessoas são, de uma maneira ou de outra, envolvidas na entrevista, ora entrevistando, ora sendo entrevistadas. Por se propor a comprovar que a entrevista é uma arte, a qual vai ultrapassar barreiras impostas pela técnica, a autora identifica na atividade *a arte de ouvir, de perguntar e conversar*. Percebe-se, assim, que a personalidade do entrevistador é crucial no desempenho da tarefa de encaminhar uma conversação baseando-se em seu questionário pré-formulado e nas respostas obtidas de seu entrevistado, aspecto que relativiza a objetividade que muitos pressupõem haver em entrevistas. Isso significa que para que se atinjam ao máximo os objetivos de uma entrevista, deve haver manobras definidas a partir de como a conversa se desenrola, principalmente por parte do entrevistador.

Outra característica inerente a entrevistas é o risco de haver má interpretação daquilo que é dito, pelo fato de serem baseadas em palavras que, dependendo de como são proferidas, podem ser entendidas de formas diferentes da pretendida pelo seu autor. Tal margem para outras interpretações alarga-se quando o assunto abordado é tabu, como sexo, religião, política. Pode haver, neste último caso, por exemplo, receios que dependem das divergências políticas entre entrevistador e entrevistado, do regime do país, do caráter minoritário e/ou subversivo das opiniões expressas pelo entrevistado. Não é raro, pois, o entrevistado surpreender-se ao ler sua entrevista, concedida oralmente, publicada em um meio impresso.

Medina propõe uma “classificação sintética” das entrevistas, que se distinguem em dois grupos com dois objetivos: espetacularização e compreensão do ser humano.

As cujo objetivo é **espetacularizar** o ser humano surgem com os seguintes perfis:

1. *Perfil do pitoresco*: entrevistas que objetivam retratar figuras proeminentes, em geral do universo das artes, enfatizando quase que exclusivamente fofocas, dados grotescos, sensacionalistas.
2. *Perfil do inusitado*: entrevistas que, além de revelar o cotidiano do entrevistado, procuram, a todo custo, caracterizá-lo como excêntrico, exótico.
3. *Perfil da condenação*: entrevistas que buscam fazer com que o entrevistado incrimine-se, por isso, muito presente no meio policial.
4. *Perfil da ironia “intelectualizada”*: similar à anterior, porém, mais sutil e empregada no meio artístico, cultural, político ou científico. O documentador procura uma maneira de o entrevistado se condenar, contestando ironicamente as ideias que este expressa.

Quanto às entrevistas cujo objetivo é **compreender** o ser humano, podem ser agrupadas nos seguintes subgêneros:

1. *Entrevista conceitual*: o entrevistador, especialista na técnica de perguntar, busca conceitos (não aspectos comportamentais de alguém) e reconhece seu entrevistado como fonte de tais informações que lhe interessam.
2. *Entrevista/enquete*: entrevistas em que o fundamental é que haja um tema, sobre o qual diversas fontes discorrerão. Há, para garantir a unidade da enquete, um questionário básico que servirá de roteiro para a entrevista.
3. *Entrevista investigativa*: aquelas em que se objetiva *investigar* algo onde a informação não está ao acesso do jornalista. Em geral, temas de interesse público, como gestão de verba pública, são também investigados por meio de tais entrevistas.

4. *Confrontação – polemização*: aquelas que ocorrem por meio de debates, devido à presença, no tema abordado, de discórdias, ambiguidades e contradições.
5. *Perfil humanizado*: objetiva-se, em vez de enaltecer ou condenar o entrevistado, *compreender*, de fato, os seus conceitos, crenças, valores, histórico de vida.

Há alguns passos a serem seguidos pelo entrevistador, os quais favorecem o sucesso de sua empreitada. O primeiro deles é providenciar uma pré-pauta, ou seja, ideia-matriz a ser abordada com seu entrevistado. Em seguida, deve-se preparar, buscando um repertório – visão social, política, cultural etc – recorrendo a arquivos sobre o tema da pauta. Sua personalidade também é importante para o seu desempenho, a qual deve ser dialógica, e não monológica. Nesse sentido, o documentador deve encarar cada entrevista como um evento psicossocial, que deve ser conduzido sem autoridade, imposição ou agressividade. Ele deve estar consciente das *etapas de observação mútua: namoro, busca da confiança, recíproca, entrega* (Medina, p. 29). Quanto à atitude agressiva, autoritária, é possível que o entrevistado a demonstre, sonhando o diálogo, o que, conseqüentemente, resulta em frustração.

De fato, um jornalista, por princípio, invade, perturba a privacidade daquele que nem sempre está disposto a dividir informações, muitas vezes extremamente pessoais. Trata-se de uma dinâmica de bloqueio e desbloqueio, mesmo em situações ideais, em que há, desde o início, empatia entre os envolvidos. Em outras palavras, a entrevista deve ser encarada como uma relação humana durável e cultivável. Uma vez estabelecidos o contato, a aceitação mútua e um mínimo de confiança, deve-se seguir com cautela, sem pressão, para que tais elementos não se percam, ao contrário, cresçam.

## Capítulo 2 – O *Corpus*

Vale mencionar que, de acordo com o que se esclareceu no capítulo anterior, o *corpus* deste trabalho é uma *entrevista conceitual* com *perfil humanizado*, que tem por objetivo **compreender** o ser humano.

### *Condições em que ocorre o evento comunicativo*

As características do evento comunicativo e o aspecto interacional entre os participantes são determinantes das especificidades do texto oral. Nas palavras de Fávero, Andrade & Aquino (a partir deste ponto, FAA), “o desenvolvimento do texto falado está diretamente ligado ao modo como a atividade interacional se organiza entre os participantes” (p.24). Portanto, para se analisar um evento discursivo oral, é necessário que, antes de proceder especificamente à análise do texto, observem-se as condições de sua produção. Tais informações encontram-se no quadro a seguir.

### *Características do evento comunicativo (segundo modelo de FAA, p.20)*

Situação discursiva:	formal
Evento de fala:	não espontâneo
Gênero:	entrevista
Tema do evento:	prévio (vida profissional do entrevistado)
Objetivo do evento:	registrar uma entrevista para guia de profissões
Grau de preparo:	alto (do entrevistador)
Canal:	face a face; interação gravada em aparelho MP3
Lugar:	sala da casa da entrevistada
Tempo:	manhã de sexta-feira, 29.03.13

### *Participantes do evento comunicativo*

Na Entrevista, são três os participantes, sendo dois interlocutores e um observador:

Papel na Entrevista	Estatuto na sociedade
entrevistada (L2) – assumindo o papel de juíza	advogada recém-aprovada no XIX Concurso de ingresso na magistratura do Estado de Rondônia, 30 anos.
entrevistador (L1)	professor de língua portuguesa para o Ensino Médio de escola particular, aluno de Especialização em Língua Portuguesa da PUC-SP, 38 anos.
observadora (filma a interação entre L1 e L2)	professora de cursos livres língua portuguesa para adultos, 36 anos.

### *Características peculiares dos participantes*

É importante salientar que concursos para ingresso em magistratura estadual possuem, no mínimo, uma fase de entrevista oral. A entrevistada, especificamente, passou por uma fase com três entrevistas desse tipo:

- 1) privada com psicólogos,
- 2) privada com seis desembargadores,
- 3) pública com a banca responsável pelas provas.

A fim de se preparar para essa fase do concurso, a advogada participou de dois cursos de oratória. Seria interessante verificar se isso tem consequências na sua fala, fazendo-se um trabalho comparativo com outras pessoas em condições semelhantes, mas isso fica apenas como um registro, pois claramente foge aos objetivos deste trabalho.

#### *Tipo de contrato que mantém os interlocutores juntos*

Os três participantes são amigos. O entrevistador e a entrevistada, no entanto, conhecem-se há pouco tempo.

#### *Relação entre os interlocutores durante o evento comunicativo*

Com base em FAA, pode-se afirmar que a relação entre entrevistador e entrevistado é **complementar** (p.32) e **relativamente assimétrica**, por ocorrer “um privilegiamento no que diz respeito ao uso da palavra, cabendo a um dos interlocutores [o entrevistador] começar o diálogo, conduzi-lo e, ainda, mudar o tópico” (FAA, p.18). Por outro lado, com base em Galembeck (doravante G) e em suas definições em relação a Simetria e Assimetria na Conversação (G, p.70), pode-se afirmar que há uma conversa **mais simétrica** que assimétrica, pois “ambos os interlocutores contribuem para o desenvolvimento do tópico conversacional” (G, p.70). Para este autor, uma situação de assimetria implicaria que “um dos interlocutores desenvolve o tópico e o outro vigia ou segue seu parceiro” (G, p.70). A assimetria assim definida ocorre na Entrevista nos momentos em que a entrevistada está respondendo, e o entrevistador demonstra estar seguindo seu raciocínio. Se a relação for focada pelo ponto de vista do equilíbrio de poder, com K-O, percebe-se que a relação em análise não chega a se constituir numa relação vertical, mas numa **relação horizontal**, porque, apesar de o entrevistador exercer “sua autoridade sobre a estruturação da interação (que ele ‘conduz’, tomando a maioria das ‘iniciativas’) (...) seu papel é menos o de falar que o de suscitar a falar do outro [da entrevistada], a quem delega a tarefa de fornecer o essencial da matéria conversacional, e a quem coloca em evidência” (K-O, p.75).

## *Comportamento dos interlocutores e modo do discurso*

Lembrando, com FAA, que, “como participantes de situações sociais, somos requisitados a nos comportarmos de um modo particular numa determinada situação e de modo diferente em outra” (p.19). Observa-se que, por estarem participando de uma *entrevista modelo* nos papéis sociais de professor e juíza, o comportamento que os interlocutores mantêm durante toda a entrevista é cooperativo e polido; nesse contexto, também faz sentido o uso do registro formal da língua, utilizado pelos interlocutores.

Segue, nas próximas páginas a transcrição integral da entrevista, cuja duração é de 14’37” (catorze minutos e trinta e sete segundos).

- 1 L1: eh:::... Miria obrigado pela sua ajuda em primeiro lugar... né?... e a gente queria fazer algumas perGUNtas... a respeito:::... da sua profissão... eh::... fala fala pra mim... quando é que surgiu a vontade de... você ser juíza?
- L2: a vontade ela:::... ela VEIo desde muito cedo... desde:: que eu te::nha... consciência,
- 5 veio desde os quinze anos...((início de ruído intermitente de furadeira)) mas::... quando eu me aproximei do direito e tive contato com o que Era... ela foi um pouco embora PEla dificuldade do/de ser aprovada em um concurso público desse nível... ((pausa do ruído de furadeira)) então, eu abandonei um pouco a iDEIa e::... comecei a estudar pensando em advogar...e no fiNAL do curso... voltou a ideia...[eu falei]“não, é isso que
- 10 eu QUero, é por isso que eu vou lutar...”
- L1: no final do curso da sua graduação...
- L2: da minha graduação
- L1: alguém te influenciou nessa:::.... esCOLha?
- L2: não
- 15 L1: não... você não tem nenhum modelo de... de... enfim, alguma/alguma peSSOa em que... que você tenha se espeLHAdo...
- L2: não...
- L1: não
- L2: pra ser juÍza não
- 20 [
- L1: certo
- L2: eu tenho como advogada

L1: entendi... e o que que é necessário para uma pessoa ser um juiz? ((reinício de ruído de furadeira))

25 L2: ((pausa longa)) juridicamente? ((pausa do ruído de furadeira))

L1: é... quais são... éh::... as habilitADes que uma pessoa... deve desenvolver... éh::... pra pra exercer essa profissão?

L2: como BA::se eh::... o conhecimento juRÍdico... e de dois mil e::... QUATro pra CÁ... o CNJ... que é o Conselho Nacional de JusTIça... exige::... OUtras coisas além do  
30 conhecimento jurídico puro.... ele exige conhecimento de::... socioloGIa...filosoFia... ciência poLítica ((pausa maior)) é acho que é só isso...

L1: e e em relação aos valores... Existe alguma coisa... QUE a profissão de juiz... éh::... ESpecificamente... éh::eXIja?

L2: acredito que não... é... os valores são... os mesmos que qualquer outra profissão  
35 exige.... os valores de Ética de honestIDA::de de::... de dedicação é tudo::...tudo que qualquer outra profissão exige...

L1: uh uhn...

L2: só::... o CARgo de juiz o que ele exige MAIS é responsabilidade

L1: responsabilidade

40 L2: é::

L1: tá... e por quê?

L2: por quê? ((pigarro)) o juiz ele vai deciDIR... o conflito... existente entre as pessoas... então ele tem que analisar aQUilo que foi colocado pra ele no papel... de forma muito responsável...consciENTE... e equilibrada... ele não pode::... VER... aquele processo  
45 como um número... ele tem que ver como a VIda... da peSSOa como um proBLEma que ela teve... e que Ela mesma não conseguiu resolver... então o juiz tem que atuar NEsse sentido pra::... teoricamente manter a ordem ((reinício de ruído intermitente de furadeira)) ee::... mais modernamente... pra resolver Efetivamente o conflito... não só::... não só:: resolver NO NÚmero... resolver Efetivamente... que as pessoas saiam de lá::...  
50 se sentindo compreendIDAS... e::... (pausa mais longa) e::e não exista mais aquele problema na vida delas ((fim do ruído de furadeira))

L1: entendi... eh::... quanto tempo... em geRAL/ em MÉdia... é necessário... pruma... ((reinício de ruído intermitente de furadeira)) pruma pessoa se torNAR... juíza?

L2: o:: CNJ também... o conselho nacional de jusTIça... ele exige que::... depois de  
55 forMAdo... ((pausa do ruído de furadeira)) a pessoa trabalhe por TRÊS Anos... é o que ele... chama de atividade jurídica... pra que TENha essa prática... pra::... dePOIS DISSo

sim poder prestar o concurso e::... e:::... ser aprovado... então NO MÍNimo três anos... o que a gente vê na PRÁtica é::... entre quatro e seis anos de esTU::do...

L1: hum:: hum

60 L2: dedicado porque é MUIta matéria

[

L1: porque você falou do conCURso né da... da dificulDAde...

[

65 L2: exatamente

[

L1: de se/ de ser aproVAdo no concurso... isso... pra se preparar pra esse... pra esse concurso...

[

70 L2: exatamente

L1: quanto tempo de estu::do assim mais ou menos diário que você... acha que... se deve dedicar?

L2: ((pausa maior)) o máximo possível...

[

75 L1: isso depende né isso depende

[

L2: é::... isso depende da possibilidade também da pessoa... o que EU:::... FAço é:::... oito dez horas... líquidas

L1: meu deus ((risos))

80 [

L2: diário... e é eu e a GRANde maioria... quem REalmente QUER passar e quem REalmentePASSa...

[

L1: hum hum

85 [

L2: é quem faz isso... e durante... QUATro anos cinco seis anos...

L1: beleza não é na primeira que você passa

[

90 L2: nã:::o... EU não conheço ninguém

L1: é::?

L2: não...

L1: ((pausa longa)) ((toma fôlego)) fala um pouquinho do cotidiano... de um juiz::... que que um juiz faz no dia a dia::...

95 L2: depende da:: da vara... que o juiz vai trabalhar... por exemplo um::... um juiz da vara de família... ele aLÉM dos processos que ele tem que resolver... que ele tem que julGAR::... ele tem que fazer audiÊncia... com as partes... TEM que atender advogado... nos casos urGENTES os advogados vêm pedir limiNAR por exemplo:: de aliMENTos... então o juiz tem que despachar ver... se eXISTe essa necessidade mesmo de aliMENTos e  
100 resolver com o advoGado... e aLÉMDisso o juiz tem toda parte administrativa... ele tem que:: administrar o fórum mesmo tem que cuiDAR dos serviDOres...

[

L1: ah:::

[

105 L2: resolver os conflitos DOS servidores... e VER como a:: a::... equipe administrativa pode Ajudar a aCElerar o processo...

L1: então o juiz também administra...

[

L2: sim

110 L1: essa equipe... (que legal)

[

L2: não é só julgar processo

[

L1: cer::to

115

[

L2: o juiz é administrador e gestor mesmo...

L1: que legal... você acha que o juiz::... pelo que ele faz:: ele é bem remunerado?

L2: não

120 L1: não

L2: não... essa é uma queixa::: uma queixa:: de:: TODos os juízes... da::... da:: falta de remuneração... mas:::... QUANdo você vai enTRAR na magistratura você já SAbe o salário que você vai ganhar

L1: uh uh:::

125 L2: que é chamado de subsídio  
L1: uh uh:::  
L2: então::: EU.. já sei quanto eu vou ganhar... não TEM... a/o que a gente também  
pensa é que não TEM por que você reclaMAR:: desse valor se você JÁ SAbE que é  
isso... então você já SAbE que é isso você QUER trabaLHAR vai trabalha LÁ DENtro  
130 você tenta conseguir aumento salarial... mesmo que o governo impeça mas você tenta...  
e... o:: o: outro lado DISSo é:: você compaRAR com que o RESto da sociedade ganha...  
quando você compaRA quando você faz a MÉdia... é um saLÁrio que dá pra você  
viVER de forma MUIto... JUS::ta razoÁ::vel... com:: com:: uma certa:: mordoMia...  
L1: ah os beneFÍcios

135 [ ]  
L2: cla::ro...  
[ ]  
L1: além do saLÁ::rio né?  
L2: é:: alguns POUcos...

140 L1: é?  
L2: alguns poucos benefícios  
L1: tá... e os dois meses de FÉ::rias? ((risos))  
[ ]  
L2: e::sse é um benefício mas::... por exemplo... um::  
145 juiz corregedor agora de RonDÔnia que eu tavaconverSANDo  
L1: uhnahn  
L2: ele::... tinha tirado cinco dias de férias o ano in/o ano passado inteiro a gente tava  
trabalhando nas eleições... e ele tinha tirado cinco dias... os juízes n/éh com o acúmulo  
de processo eles não têm...

150 [ ]  
L1: ah::...  
[ ]  
L2: tirado os dois meses de férias  
L1: então os dois meses são::... possíveis desde que:: os juiz

155 [ ]  
L2: sim  
L1: deixe o trabalho dele em dia  
L2: sim

L1: entendi... eh::... voltando... à questão lá do seu cotidiano... eh:: o que você  
160 destacaria como sendo:: aquilo que você MENos gosta de fazer?... ((pessoas  
conversando ao fundo)) do trabalho né da profissão...

L2: é essa parte de administração do fórum

L1: eh::... é a coisa menos interessante pra você

[

165 L2: é... a menos interessante porque::... exige OUtra  
qualificação... eu me preparei a vida inteira:: jurídicaMENte... pra:: ser juÍza pra julgar  
os proCESSos da forma mais JUSta pra aplicar o direito e resolver... os conflitos entre as  
pessoas... agora::... resolver conflitos entre servidor::: que já tá lá... há::... DEZ Anos  
fazendo a MESma COIsa não aguenta mais aquilo... e não vai saIR... porque ele é

170 servidor PÚ::blico... não tá cometendo nenhuma:: nenhuma ilegalidade então ele VAI  
ficar lá só que ele se sente desmotiVAdo... então O desaFio é você aplicar... essas  
técnicas moDERnas que as empresas privadas aplicam... de motivaÇÃO:: de  
dinaMISmo na/no setor público... só que você não TEM os mesmos benefícios... você  
não pode dar um prêmio pro servidor público... você tem que incentivá-lo por exemplo

175 com uma FOLga... com uma coisa bem::... ah:: assim as possibilidades são mais  
restritas...

L1: (certo)

L2: você não pode dar dinheiro MESmo do seu bolso falar “ah não... quem trabalhar  
meLHOR vai vai receber UM saLÁRIO a mais

180 L1: e você acha que isso:: não deveria::... eh:: ser uma função do juIZ::... ou você acha  
que o juiz... deveria ter um preparo melhor na sua formação PRA lidar com essas  
questões?

L2: existem as duas coisas... HÁ quem diga que o juiz deve ficar SÓ na função judicial  
só de julgador...

185 L1: uhnhun

L2: e deixar... o fórum pra ser administrado por um administrador mesmo

[

L1: administrador (mesmo)

L2: o problema DISSo é o juiz não saber o que acontece lá dentro... é ele ficar... n/numa

190 Única função

L1: não é só... é... entendi... ((incompreensível))

L2: é ele perder o contato com os servidores... perder o que que CADA um TÁ fazendo... não não/ ficar fora daquela realidade que ele vive... é esse o problema... e não ter como... por exemplo se ele tá ali no dia a dia ele fala “ah:... eh:: o setor de distribuição pode

195 funcionar DESse jeito... que VAI acelerar... então o MEU desPAcho vai ser agora:: de TAL FORma pro setor distribuição PRA não precisar voltar duas vezes

L1: uhnhun

L2: então nes/tendo esse conVÍvio... o juiz/isso ajuda sim o trabalho dele... agora... o que falta é realmente qualificação... os cursos/porque essa criação do::... do CNJ é de

200 dois mil e quatro PRA cá... aTÉ implemenTAR tudo Isso e/éh:: o legislativo ele faz assim... ele cria lei... pronto... ele não cria nenhuma estrutura... ele diz “ó o juiz tem que ser gestor:’... mas ele não dá CURso... ele não qualiFica... ele não diz COmo... ele não dá diretriz... não tem nada

[

205 L1: éh::...você é.. você é joGAda na foGUEIra e se vira

L2: se vira... eXAtamente...

[

L1: que coisa

L2: e aí os CURsos são muito NOvos... e ma/eXIStem... e::... normalmente.. a gente já

210 tem feito como pós graduação... pós graduação em gestão pública

[

L1: ah::... sei sei

[

L2: aplicada NO setor judiciário

215 L1: e dá conta

L2: aí dá conta... mas aí também exige MUIto DO juiz... da:: sensibilidade DEle pra ver a necessidade que existe ali

[

L1: naquele/ah... em cada cada:::...

220 [

L2: cada caso é... é um caso...

[

L1: uhnhun

[

225 L2: cada fórum  
tem uma necessidade... diferente

L1: entendi... eh::... e o que que você MAIS gosta.. você falou o que você menos gosta..  
e o que você mais gosta do trabalho do juiz?

L2: das audiências

230 L1: das audiências

L2: é... do contato com o público...

L1: (é)  
[

L2: ali no/na/no interrogató::rio... numa... audiência de reconciliação::... você

235 consegue entender MUIto mais do que tá escrito... porque::... eXISte também uma falta  
de qualificação MUIto grande NOS advogados... os advogados NÃO conseguem  
escrever.. de forma.. clara... eh::... suficiENte... eles/você SEMpre tem alguma dúvida  
algum questionamento

L1: e você consegue... interferir NIso? Você consegue::... nã/ou não não é mais parte

240 da::...

L2: então aí já é outra questão também... porque se é uma causa::... estritamente  
patrimoniAL... O juiz NÃO deve interferir... porque existe o princípio da autonomia das  
partes... se é só dinhei::ro a parte... eh::... também não é incaPAZ... as partes SÃO  
capazes E o litígio é SÓ patrimoniAL... o juiz não deve interferir... o/se EU quero fazer

245 um acor/se a parte quer fazer um acordo ruIM... o juiz nã/não pode interferir é a vontade  
dela

L1: uhnuhn

L2: agora se É uma ação de direito INdisponí::vel se TEM incapaz::... se É alimen::to...  
se É... divór::cio...

250 [

L1: aí sim

[

L2: aí sim o juiz interfere

L1: entendi

255 L2: aí MESmo que o advogado NÃO tenha sido cla::ro... NÃO tenha peDIdo que a  
parte meREce aí o juiz pode interferir

L1: entendi

L2: NOS casos peNAIS.... éh:: o juiz ele pode destituIR o advogado...

L1: ah::...

260 [

L2: ele pode considerar o réu INdeFEso... NA Hora MESmo falar “não o senhor tá sendo mal representado

[

L1: ah:: que legal

265 L2: desconstitui... e:: nomeia UM defensor PÚBLico ou... um advogado da ativa

L1: ah:: que legal

[

L2: é

L1: isso exige ((gesticula com a mão)) muito

270 [

L2: é::...

[

L1: muita sensibilidade

[

275 L2: é

L1: legal e::... assim só pra finalizar você acha que vale a PEna... ser juÍza?

L2: muito

L1: é

L2: muito... é uma profissão maravilhosa... e/porque o juIZ tambÉM ele exerce um

280 papel social também... o juiz ele é principalmente nas comarcas peQUENas o juiz é fiscalizado por toda a sociedade... eXISte hoje em dia uma presSÃO em cima do juiz de todos os lados... eh:: esse acúmulo de processo faz o tribunal ficar em cima o CNJ a corregedoRIa todo mundo coBRANdo resultado... aLÉM disso tem a sociedade... a sociedade ela... ela fiscaliza o juiz... o juiz serve de exemplo

285 L1: hum:::

[

L2: se o juiz/ah::: o juiz é uma pessoa educa::da é uma pessoa que... trata todo mundo igual isso serve de exemplo... isso interfere...

[

290 L1: nas cidades menores os juÍzes são mesmo né::

[

L2: são::

L1: o:... ah/eh/ ele é o/aliás eu sou o vizinho do juiz::

L2: é:: é::

295

[

L1: o juiz tava lá ontem

L2: exatamente

[

L1: eh::...

300

L2: o juiz e o prefei::to e o PAdre são as...

[

L1: é:: exatamente...

[

L2: figuras mais importante né

305

[

L1: exatamente... muito

obrigado pela sua... ajuda pela sua entrevista

L2: foi um prazer ((risos))

## Capítulo 3 – Análise conversacional

Citando livremente Kerbrat-Orecchioni (doravante K-O), “o objetivo da análise conversacional é explicitar as regras que sustentam o funcionamento das trocas comunicativas de todos os gêneros”. A seguir, faz-se a análise do texto oral apresentado no capítulo anterior. Vale reforçar que, como esclarecido na Introdução deste trabalho, os conceitos teóricos são considerados ao mesmo tempo em que se fazem as análises de aspectos da entrevista.

### *Organização do texto conversacional*

“No texto conversacional, constata-se a presença de quatro elementos básicos que são responsáveis pela sua organização – o turno, o tópico discursivo, os marcadores conversacionais e o par adjacente, e será deles que trataremos a seguir” (FAA, p.37), em relação à Entrevista.

### *O turno conversacional*

“Entende-se por turno qualquer intervenção dos participantes (tanto as intervenções de caráter informativo, quanto breves sinais de monitoramento, como *ahnahn; sei; certo*) durante a interação” (FAA, p.38). Nas palavras de G, isso se dá porque “a posição adotada considera ambas as modalidades de intervenção (com e sem valor referencial) relevantes e significativas para a organização de textos e sequências conversacionais” (G, p.71).

## ***Modalidades de turnos, segundo Galembeck***

### *Turno nuclear (TN)*

Com valor referencial nítido. Nele, o falante desenvolve o tópico conversacional.

### *Turno inserido (TI)*

Sem valor referencial nítido. Indica que o interlocutor ‘acompanha’ as palavras do seu interlocutor. Este, por sua vez, pode ser dividido em dois tipos:

TIs *com função interacional* – indicam:

- reforço (valor fático – confirmação da continuidade do turno alheio);
- concordância;
- entendimento;
- aviso (de que o interlocutor deseja tomar o turno).

Uma intervenção pode exercer mais de uma função ao mesmo tempo.

TIs *com leve valor referencial* – contribuem para o desenvolvimento do tópico e assinalam que o ouvinte acompanha atentamente as palavras de seu interlocutor (G, p.82-83).

## ***Distribuição dos turnos na Entrevista***

Quando se pensa no gênero Entrevista, a tendência é esperar-se que a distribuição básica dos turnos se dê simplesmente pelo par adjacente pergunta-resposta, ou seja, TN + TN. Mas o que se observa é que na maioria das vezes, essa combinação não ocorre desse modo, conta antes com uma série de outras inserções que têm como objetivo ou ampliar o par adjacente nuclear P-R ou fazer uma passagem para dar

prosseguimento à interação. Para observar o que se acabou de afirmar, segue a análise da distribuição de turnos nos três Tópicos Discursivos iniciais (o quadro tópico será desenvolvido adiante).

Legenda:

TD	Tópico Discursivo
TN	Turno nuclear
TII	Turno inserido interacional
TIR	Turno inserido referencial

**TD1** (linhas 1-12)

L1	TN1	Pergunta 1	L1: eh:::... Miria obrigado pela sua ajuda em primeiro lugar... né?... e a gente queria fazer algumas perGUNTas... a respeito:::... da sua profissão... eh::... fala/fala pra mim, quando é que surgiu a vontade de... você ser juíza?
L2	TN2	Resposta 1	L2: a vontade ela:::... ela VEIo desde muito cedo... desde:: / que eu te::nha... consciência, veio desde os quinze anos...((início de ruído intermitente de furadeira)) Mas::... quando eu me aproximei do direito e tive contato com o que Era... ela foi um pouco embora PEla dificuldade do/de ser aprovada em um concurso público DEsse nível... ((pausa do ruído de furadeira)) Então, eu abandonei um pouco a iDEIa e::... comecei a estudar pensando em advogar. E no fiNAL do curso... voltou a ideia... [eu falei] “não, é isso que eu QUERO, é por isso que eu vou lutar.”
L1	TIR1	Pedido de esclarecimento	L1: no final do curso da sua graduação...
L2	TN3	Esclarecimento	L2: da minha graduação

**TD2** (l. 13-22)

L1	TN1	Pergunta 1	L1: alguém te influenciou nessa:..... esCOLha?
L2	TN2	Resposta 1 (curta)	L2: não
L1	TN3	Reformulação da pergunta 1	L1: não, você não tem nenhum modelo de... de... enfim, alguma/alguma peSSOa em que... que você tenha se espeLHAdo...
L2	TN4	Resposta 2 (Repetição da Resposta 1)	L2: não...
L1	TIR1	Repetição da Resposta 2	L1: não
L2	TN5	Ampliação da Resposta 2 (início)	L2: (...) pra ser júza não (...)
L1	TII1	Concordância (sobreposição)	[ L1: certo
L2	TN5'	Ampliação da Resposta 2 (fim)	L2: (...) eu tenho como advogada

**TD3** (l. 23-51)

L1	TII1 + TN1		L1: entendi... e o que que é necessário para uma pessoa ser um juiz? ((reinício de ruído de furadeira))
L2	TN2		L2: ((pausa longa)) juridicamente? ((pausa do ruído de furadeira))
L1	TN3		L1: é... quais são... eh::... as habiliDAdes que uma pessoa... deve desenvolvER... eh::... pra/prá exercer essa profissão?
L2	TN4	Resposta 1	L2: como ba::se eh::... o conhecimento juRÍdico... e de dois mil e::... QUATro pra CÁ... o CNJ, que é o Conselho Nacional de JusTIça... exige::... OUtras coisas além do conhecimento jurídico puro... ele exige conhecimento de::... socioloGIA, filosoFia, ciência poLÍtica ((pausa maior)) é, acho que é só isso.
L1	TN5	Pergunta 2	L1: e/e em relação aos valores... Existe alguma coisa... QUE a profissão de juiz... eh::... ESpecificamente... eh:: eXIja?
L2	TN6	Resposta 2	L2: acredito que não... eh, os valores são... os mesmos que qualquer outra profissão exige... os valores de Ética, de honestiDAde, de::.../de dedicaÇÃO, é tudo::.../tudo que qualquer outra profissão exige. (...)
L1	TII2	Reforço	L1: uh uhn...
L2	TN7	Comentário	L2: (...) só::... o CARgo de juiz o que ele exige MAIS é responsabilidade
L1	TII3	Reforço	L1: responsabilidade
L2	TII4	Concordância	L2: é::
L1	TII5 + TN8		L1: tá... e por quê?
		Concordância + Pergunta 3	

<p>L2      TIR1 + TN9</p> <p>Repetição+ Resposta 3</p>	<p>L2: por quê? ((pigarro)) o juiz ele vai deciDIR... o conflito... existente entre as pessoas... então, ele tem que analisar aQUIlo que foi colocado pra ele no paPEL... de forma muito responsável, consciENte e equilibrada... ele não pode:... VER... aquele processo como um número... ele tem que ver como a VIda... da peSSOa, como um proBLEma que ela teve... e que ELA mesma não conseguiu resolver... então o juiz tem que atuar NEsse sentido pra:... teoricamente manter a ordem ((reinício de ruído intermitente de furadeira)) e/e:... mais modernamente... pra resolver EFETivamente o conflito... não só:... não só resolver NO NÚmero... resolver EFETivamente... que as pessoas saiam de LÁ:... se sentindo compreendIDAS... e:... (pausa mais longa) e:/e não eXISta mais aquele problema na vida delas ((pausa do ruído de furadeira))</p>
--	---

Duas estruturas que podem ser observadas nos TD 1 e 3 são interessantes de serem comparadas como possivelmente as variações mais frequentes do par adjacente (definição mais adiante) Pergunta-Resposta em entrevistas:

<p>L1      TN1      Pergunta 1</p>	<p>L1      TII1 + TN1      Entendimento      + Pergunta 1</p>
<p>L2      TN2      Resposta 1</p>	<p>L2      TN2      Pergunta      de esclarecimento</p>
<p>L1      TIR1      Pedido de esclarecimento</p>	<p>L1      TN3      Reformulação      da pergunta 1</p>
<p>L2      TN3      Esclarecimento</p>	<p>L2      TN4      Resposta 1</p>

Pode-se postular a existência das seguintes estruturas:

Pergunta *simples* + Resposta *composta* (resposta+pedido de esclarecimento+resposta')

Pergunta *composta* (pergunta+pedido de esclarecimento+pergunta') + Resposta *simples*

### ***Passagem dos turnos na Entrevista***

A alternância de turnos na Entrevista se dá de modo pacífico. Não há nenhuma ocorrência de assalto ao turno. Isso se deve à situação em que os interlocutores estão inseridos: existe o desejo de colaboração mútuo – a entrevistada quer ajudar o entrevistador a realizar seu trabalho; o entrevistado quer ser o mais cuidadoso possível na condução da entrevista, por esta ter um caráter primordial de se constituir em um “favor”.

Por causa disso, também não há marcas de tentativas de sustentação do turno na fala da entrevistada – não há a sensação de que o turno esteja ameaçado. Ocorre, inclusive uma pausa longa (de 2s) entre a pergunta da linha 23 e a resposta da entrevistada na linha 25 sem que isso tenha causado nenhuma tentativa do entrevistador de retomar o turno.

O lugar transicional do turno do entrevistador para o da entrevistada é o esperado pelo ato de fala de que ele mais se serve – a entonação ascendente da pergunta –, enquanto a transição da entrevistada para o entrevistador se dá pela conjunção de sinais verbais e prosódicos (completude do enunciado aliada a uma mudança na curva entonativa, levando a uma pausa conclusa e, em um momento apenas, a expressão verbal marcada “é, acho que é só isso” (l. 31).

## O tópico discursivo

O tópico discursivo é “aquilo sobre o que se está falando” (Brown&Yule *apud* FAA, p.39). Segundo FAA, “o tópico discursivo se estabelece num dado contexto em que dois ou mais interlocutores, engajados numa atividade, negociam o assunto de sua conversação” (p.40). No caso de nossa entrevista, o tema foi pré-estabelecido – a vida profissional da entrevistada – e, na análise, constitui o *supertópico* da interação. A seguir, desenvolve-se o quadro tópico referente à entrevista. Observaremos como se dá a introdução e o fechamento dos tópicos (já previamente comentado na *Passagem dos turnos na Entrevista*) por meio das cores, comentadas após a apresentação do quadro.

<b>Supertópico</b>	Vida profissional de um juiz
--------------------	------------------------------

<b>Tópico 1</b>	Surgimento da vontade de ser juíza(l.1-12)
início	L1: (...) eh::... fala/fala pra mim...quando é que surgiu a vontade de... você ser juíza?
fim	L2: da minha graduação (pausa conclusa)

<b>Tópico 2</b>	Influências na escolha da profissão(l. 13-22)
início	L1: alguém te influenciou nessa::... escolha?
fim	L2: eu tenho como advogada (pausa conclusa)

<b>Tópico 3</b>	Requisitos para a profissão (l. 23-51)	
início	L1: entendi...e o que é necessário para uma pessoa ser um juiz?	
fim	L2: e não exista mais aquele problema na vida delas (pausa conclusa)	
	<b>Subtópico3.1</b>	Habilidades requeridas pela profissão (l. 26-31)
início	L1: é...quais são... eh::... as habilidades (...) para exercer essa profissão?	
fim	L2: (...) é... acho que é só isso	
	<b>Subtópico3.2</b>	Valores exigidos pela profissão (l. 32-51)
início	L1: e/em relação aos valores... (...) exija?	
fim	L2: e não exista mais aquele problema na vida delas (pausa conclusa)	

	<b>Subtópico 3.2.1</b>	Responsabilidade (l. 38-51)
	início	L2: só::... o cargo de juiz o que ele exige mais é
	fim	L2: e não exista mais aquele problema na vida delas (pausa conclusa)

<b>Tópico 4</b>	Tempo necessário para se chegar ao cargo(l. 52-92)	
	início	L1: entendi...eh::...quanto tempo (...) é necessário (...) se tornar juíza?
	fim	L2: não (pausa conclusa)
	<b>Subtópico 4.1</b>	Tempo de estudo para passar no concurso(l.71-92)
	início	L1: quanto tempo de estu::do (...) deve dedicar?
	fim	L2: não (pausa conclusa)

<b>Tópico 5</b>	Cotidiano de um juiz(l. 93-116)	
	início	L1: ((pausa longa)) ((toma fôlego))fala um pouquinho do cotidiano... de um juiz::...
	fim	L2:o juiz é administrador e gestor mesmo... (pausa conclusa)
	<b>Subtópico 5.1</b>	Remuneração de um juiz(l.117-157)
	início	L1: que legal...você acha que o juiz::... (...) ele é bem remunerado?
	fim	L2:sim (pausa conclusa)
	<b>Subtópico 5.1.1</b>	Benefícios(l. 133-140)
	início	L1: ah os benefícios (...) além do salário, né?
	fim	L2: alguns poucos benefícios (pausa conclusa)
	<b>Subtópico 5.1.1.1</b>	Férias(l. 141-157)
	início	L1: tá...e os dois meses de fê::rias?
	fim	L2: sim (pausa conclusa)
	<b>Subtópico 5.2</b>	Aspectos menos prazerosos da profissão(l. 158-223)
	início	L1: entendi...eh::...aquilo que você menos gosta de fazer?
	fim	L2: cada fórum tem uma necessidade... diferente (pausa conclusa)
	<b>Subtópico 5.2.1</b>	Função do juiz(l. 178-223)
	início	L1:eh::ser uma função do juiz?
	fim	L2: (...) necessidade... diferente (pausa conclusa)
	<b>Subtópico 5.3</b>	Aspectos mais prazerosos da profissão (l. 224-271)
	início	L1: entendi...eh::...e o que você mais gosta... (...)?

	fim	L2: é (pausa conclusa)
--	-----	------------------------

Tópico 6	Sentido da profissão (l. 272-304)	
início	L1: legal e... assim só pra finalizar você acha que vale a pena... ser juíza?	
fim	L2: foi um prazer (pausa conclusa)((risos))	

Por se tratar do gênero entrevista, observa-se uma regularidade na mudança de tópico: com exceção do subtópico 3.2.1 – introduzido pela entrevistada – todos os assuntos constantes do texto oral foram sugeridos pelo entrevistador.

Observa-se também que os tópicos introduzidos pelo entrevistador são bastante regulares em sua estrutura, apresentando três elementos predominantes:

1) **hesitação** – que aponta para a formulação das perguntas sendo feita no momento da interação, a despeito de terem sido previamente planejadas e estarem registradas por escrito numa folha de papel que o entrevistador tinha em suas mãos no momento da entrevista;

2) **confirmação de entendimento** – que funciona ao mesmo tempo como: um *marcador de escuta atenta* (“ouvi o que você disse, e isso fez sentido para mim”), um *reconhecimento da conclusão de turno* da entrevistada (“agora posso tomar o turno pacificamente”) e estabelece uma “ponte” para a introdução do tópico a seguir (“eu ouvi com atenção, então agora posso ser ouvido”);

3) **pergunta**, introdutora tanto de tópico quanto de subtópico.

Retomando também a questão de mudança de turno, verifica-se que a passagem entre um **tópico** e outro se deu, em todos os casos, após uma pausa conclusa da entrevistada – o que aponta para uma interação muito organizada, respeitosa e próxima do ideal quanto ao seguimento do princípio “fala um por vez”.

### *Os marcadores conversacionais*

“A expressão *marcador conversacional* serve para designar não só elementos verbais, mas também prosódicos e não linguísticos que desempenham uma função interacional qualquer na fala. Podem ser produzidos tanto pelo falante como pelo ouvinte” (FAA, p.47). É importante notar que as funções interacionais “comandam estratégias adotadas pelos interlocutores na construção e manutenção de suas identidades sociais” e que os marcadores conversacionais são “elementos que auxiliam no desenvolvimento interacional da atividade em pauta” (FAA, p.51). A seguir, passa-se à observação dos marcadores conversacionais em na entrevista utilizada como *corpus* deste trabalho.

### *Marcadores prosódicos ou suprasegmentais*

São de natureza linguística, mas não apresentam caráter verbal. (FAA, p. 48)

Podem ser analisados:

- Contornos entoacionais;
- Pausas;
- Tom de voz;
- Ritmo da fala;
- Velocidade da fala;
- Alongamentos de vogais.

Dentre esses itens, destaca-se nesta análise a ocorrência de *pausas*.

Pausas “podem ser curtas, médias ou longas e constituem fator decisivo na organização do texto conversacional” (FAA, p.48). Podem ocorrer no final de unidade discursiva – marcando o fim de um enunciado, ou no início de unidades, como estratégia/marca de elaboração/planejamento do texto; e também podem propiciar mudança de turno.

Há pausas muito interessantes de serem observadas no TD3 (l. 23-31):

L1: entendi... e o que que é necessário para uma pessoa ser um juiz? ((reinício de ruído de furadeira))

L2: ((pausa de 2s)) juridicamente? ((pausa do ruído de furadeira))

L1: é... quais são...éh:... as habilitADes que uma pessoa... deve desenvolver...éh:... pra/prá exercer essa profissão?

L2: ((pausa de 4s)) como ba::se eh:... o conhecimento juRÍdico... e de dois mil e:::QUATro pra CÁ... o CNJ, que é o Conselho Nacional de JusTIça... exige:::OUtras coisas além do conhecimento jurídico puro... ele exige conhecimento de:::socioloGIA, filosoFIA, ciência poLÍtica ((pausa de 4s)) é... acho que é só isso.

Nesse trecho, observamos a coexistência de pausas curtas [...], pausas após alongamentos [...] e pausas longas[(p.)]. As pausas curtas apontam para uma fluência normal do texto falado, em que planejamento e execução se dão de forma simultânea. As pausas após alongamentos já apontam para uma necessidade maior do falante em refletir um pouco mais sobre a escolha da continuidade de seu discurso. As pausas maiores observadas apontam retrospectivamente para o que já foi dito. Na primeira ocorrência, a entrevistada não tem certeza de que resposta se espera dela, então claramente ela pausa para refletir sobre a pergunta. Como não chegou a nenhuma conclusão satisfatória, faz, em seguida, um pedido de esclarecimento. A segunda pausa longa ocorre depois de a pergunta ter sido reformulada. Aparentemente, a pergunta ainda não está bem clara para a entrevistada. A pausa tem o dobro de duração da primeira, o que sugere que a entrevistada ficou em dúvida, mas optou por escolher responder na direção em que compreendeu a pergunta, evitando fazer mais uma pergunta de esclarecimento, o que poderia atrapalhar o fluxo da entrevista ou até mesmo a relação entre os interlocutores. Na terceira ocorrência, observa-se que a entrevistada, após ter respondido à pergunta reformulada, pausa para pensar se pode considerar que sua resposta está correta ou completa. Chega à conclusão de que sim e, então, explicita essa opinião linguisticamente: “é... acho que é só isso”.

### *Marcadores paralinguísticos*

“Exercem uma função fundamental na interação face a face, na medida em que estabelecem, mantêm e regulam o contato entre os participantes” (FAA, p.48). As autoras apresentam como exemplos de marcadores desse tipo:

- Riso
- Olhar
- Gesticulação

Dentre esses itens, destaca-se nesta análise a ocorrência de *riso*. Este marcador acontece em alguns momentos, como nos dois selecionados como exemplos a seguir:

#### **1) TD4 (l. 71-79)**

L1: quanto tempo de estu::do assim mais ou menos diário que você... acha que... se deve dedicar?

L2: ((pausa maior)) o máximo possível...

[

L1: isso depende né isso depende

[

L2: é::... isso depende da possibilidade também da pessoa... o que EU:::... FAço é:::... oito dez horas... Líquidas

L1: meu deus ((risos))

## 2) TD5 (l. 134-142)

L1: ah os beneFÍcios

[

L2: cla::ro...

[

L1: além do saLÁ::rio né?

L2: é:: alguns POUcos...

L1: é?

L2: alguns poucos beneficios

L1: tá... e os dois meses de FÉ::rias? ((risos))

Observa-se que a primeira ocorrência de riso acontece apenas no quarto tópico; isso aponta para um possível constrangimento inicial e um relaxamento progressivo no desenrolar da entrevista. (Vale lembrar que ambos, entrevistador e entrevistada, não têm intimidade por terem se conhecido poucos meses antes da entrevista.) O primeiro riso vem de um espanto do entrevistador diante do que afirma a entrevistada sobre si (a quantidade de horas que ela dedica ao estudo por dia). O riso da entrevistada junto com ele é como uma confirmação: “Viu como não é fácil esse caminho?”. Começa-se a estabelecer, nesse momento, mais intimidade e cumplicidade entre os interlocutores. Essa aproximação pode ser confirmada pela ocorrência do segundo riso, que vem logo após uma pergunta provocativa do entrevistador, a qual provavelmente não poderia ter sido feita do modo como foi realizada se não houvesse um clima mais descontraído entre os interlocutores – em relação ao período de férias dos juízes, que é considerado, pela sociedade brasileira em geral, muito longo, como uma regalia injusta em relação aos outros trabalhadores.

## Marcadores verbais

Segundo FAA, “uma possibilidade de sistematização dos marcadores verbais elaborada por Marcuschi (1987) apresenta uma subdivisão em quatro grupos”, que inclui, entre os marcadores verbais, *marcadores prosódicos*. Mas, como FAA define estes como “não verbais” (confira “*Marcadores prosódicos ou suprasegmentais*” acima), apontam-se aqui apenas três tipos:

- Simples (1 só palavra)
- Composto (caráter sintagmático)
- Oracional

Desses, analisa-se abaixo apenas uma ocorrência:

### TD4 (l. 52-70)

L1: entendi... eh::... quanto tempo... em geRAL/ em MÉdia... é necessário... pruma...  
((reinício de ruído intermitente de furadeira)) pruma pessoa se torNAR... juíza?

L2: o:: CNJ também... o conselho nacional de jusTIça... ele exige que::... depois de  
forMAdo... ((pausa do ruído de furadeira)) a pessoa trabalhe por TRÊS Anos... é o  
que ele... chama de atividade jurídica... pra que TENha essa prática... pra::...  
dePOISDIso sim poder prestar o concurso e::... e::... ser aprovado... então NO  
Mínimo três anos... o que a gente vê na PRÁTica é::... entre quatro e seis anos de  
esTU::do...

L1: hum:: hum

L2: dedicado porque é MUIta matéria

[

L1: porque você falou do conCURso né da... da  
dificulDAde...

[

L2: **exatamente**

[

L1: de se/ de ser aproVAdo no concurso... isso... pra se preparar pra esse...  
pra esse concurso...

[

L2: **exatamente**

Os marcadores iluminados no trecho acima são muito interessantes, porque mostram um momento em que a entrevistada assume o papel de ouvinte – na maior parte do tempo ocupado pelo entrevistador – e ao mesmo tempo têm a função de confirmar para o entrevistador seu entendimento de toda a fala da entrevistada até aquele ponto. A repetição enfatiza esse sentimento que perpassa o marcador: “Sim, estou me sentindo compreendida”.

### *O par adjacente*

O par adjacente, também chamado de par dialógico, é o “elemento básico da interação”, “uma das unidades para estudo do texto conversacional”. “Ele concorre para organizar localmente a conversação (...), podendo constituir-se como elemento introdutor do tópico discursivo” (FAA, p.53).

Ainda segundo FAA, “par adjacente e tópico discursivo estão intimamente relacionados, na medida em que a conversação se organiza por meio de tópicos e estes podem estabelecer-se através de pares adjacentes”. (p.53)

Como já exposto anteriormente, na análise dos tópicos discursivos apresentada, a função dos pares adjacentes na Entrevista em análise confirma a definição dada por FAA: *elas concorrem para organizar localmente a conversação, constituindo-se como elementos introdutores dos tópicos discursivos.*

Além dos quatro elementos básicos analisados (TC, TD, MC e PA), pode-se observar em um texto oral as marcas de sua formulação. É o que se desenvolverá a seguir.

### ***Atividades de formulação do texto oral***

É característica da atividade oral a ocorrência simultânea do planejamento com a realização. Isso implica dois movimentos do falante em relação ao que se diz:

**I** Um movimento *prospectivo* – o falante reflete antes de *formular* sua intervenção;

**II** Um movimento *retrospectivo*, que, por sua vez, pode ser subdividido em dois tipos básicos:

1) o falante, após ter terminado uma construção, decide *reformular* o que foi dito em busca de uma composição mais próxima de seu ideal;

2) o falante abandona uma construção iniciada e *reformula* o que *ia dizer*.

Entre os movimentos prospectivos, encontram-se (H, p.124-125):

- Pausa;
- Alongamento de sons vocálicos;
- Repetições;
- Inserção de comentários.

Entre eles, destacamos nesta análise a ocorrência de uma repetição seguida de um pigarro – o que intensifica a impressão de que a entrevistada está obtendo tempo para planejar o que vai ser dito em seguida:

### STD 3.2.1

L2: (...) só::... o CARgo de juiz o que ele exige MAIS é responsabilidade

L1: responsabilidade

L2: é::

L1: tá... e por quê?

L2: por quê? ((pigarro)) o juiz ele vai deciDIR... o conflito... existente entre as pessoas... então, ele tem que analiSARaQUIlo que foi colocado pra ele no paPEL... de forma muito responsável, consciENte e equilibrada...

Entre os movimentos retrospectivos, encontram-se (H, p.124-178):

- Paráfrase;
- Correção.

Essas atividades de reformulação podem ser reconhecidas por apresentarem, no mínimo, dois constituintes: um *enunciado de origem* e um *enunciado reformulador*. Um terceiro elemento pode ocorrer: o *marcador de reformulação*. Na Entrevista, houve apenas uma ocorrência deste marcador; coincidentemente ou não, ele ocorre na atividade de reformulação mais rica para ser apresentada nesta análise, entre todas as outras ocorrências de paráfrases e correções:

**TD6** (l. 287-297)

L2: se o juiz/ah::: o juiz é uma pessoa educa::da é uma pessoa que... trata todo mundo igual isso serve de exemplo... isso interfere...

[

L1: nas cidades menores os juízes são mesmo né::

[

L2: são::

L1: o:... ah/eh/ ele é o/aliás eu sou o vizinho do juiz::

L2: é::: é:::

[

L1: o juiz tava lá ontem

L2: exatamente

Observe-se, no trecho, que houve uma tentativa conjunta de se encontrar uma definição para “juízes”, iniciada pelo entrevistador em “nas cidades menores os juízes são mesmo né::”, interrompida com hesitação, retomada pela entrevistada com “são::”, também interrompida com hesitação, o que leva o L1 a um movimento interessante de tentar encontrar uma definição “fazendo uma volta” – simulando um possível discurso direto que “pessoas de cidades menores” teriam em relação à figura de um juiz. Pode-se inferir as seguintes construções:

o::... (juiz)	1ª tentativa (quase sintagma)
ah/eh	marcadores de hesitação
ele é o (juiz)	2ª tentativa (quase oração)
aliás	marcador de reformulação
eu sou o vizinho do juiz:::	oração completa

Ou seja, L1 tenta iniciar o período com um sintagma nominal de núcleo substantivo com possível valor sintático de *sujeito (o juiz)* – colocando “o juiz” no foco da enunciação; não fica satisfeito, tenta mudar a posição do sintagma para a posição de *predicativo do sujeito (é o juiz)* – colocando, desta vez, “o juiz” como um atributo; mais uma vez não fica satisfeito, pois ainda não se chegou à expressão do grau de importância que “pessoas de cidades pequenas” dariam ao juiz e, por fim, resolve o impasse mudando o sujeito do enunciado (da terceira para a primeira pessoa), o que demonstraria que a importância do juiz é tão grande nessas cidades que é “transmissível” para uma pessoa sem nenhuma relação direta com ele: ser o vizinho de um juiz é uma “grande coisa”. Diante da reação de concordância de sua interlocutora a esse enunciado (“é::: é:::”), L1 sente-se mais confiante para retomar a primeira construção sintática abandonada e a completa: “o juiz tava lá ontem”. Nesse momento, L2 afirma com mais intensidade sua concordância, por meio de um marcador lexicalizado (“exatamente”), e em seguida retoma a definição que se iniciara em “os juízes são...” e a amplia:

**TD6** (l. 296-304)

L1:	o juiz tava lá ontem
L2:	exatamente
	[
L1:	eh::...
L2:	o juiz e o prefe::to e o PAdre são as...
	[
L1:	é:: exatamente...
	[
L2:	figuras mais importante né

Com essa ampliação, a entrevistada chega à formulação mais explícita que o entrevistador evitara fazer: “os juízes são importantes”.

## *Considerações finais*

Após a exposição de conceitos acerca da maneira como se organiza o texto oral, em especial do gênero entrevista, por meio da análise de uma entrevista real – apesar de ter sido forjada, como se esclareceu na Introdução deste trabalho – espera-se que se tenha contribuído para a conscientização de que a manifestação da comunicação oral – língua falada – pode ocorrer de maneira organizada, sustentando-se por elementos recorrentes, assim como ocorre com a língua escrita.

Em outras palavras, a manifestação oral da língua é, ao contrário do que muitos pensam, hierarquicamente equivalente à escrita, ou seja, não se pode afirmar que esta seja menos importante do que a aquela. Trata-se, na realidade, de manifestações discursivas distintas que se organizam de formas predominantemente diferentes e que atendem a necessidades específicas, gerando interação de forma coerente e estratégica.

## ***Referências bibliográficas***

FÁVERO, L.L.; ANDRADE, M.L.C.V & AQUINO, Z.G.O. **Oralidade e Escrita: perspectivas para o ensino de língua materna.** São Paulo: Cortez, 2012.

FÁVERO, L. L. **O Tópico discursivo.** In: PRETI, D. (Org.) *Análise de textos orais.* São Paulo: Humanitas – FFLCH/USP, 2003.

GALEMBECK, P. T. **O turno conversacional.** In: PRETI, D. (Org.) *Análise de textos orais.* São Paulo: Humanitas – FFLCH/USP, 2003.

GARRETT, A. **A entrevista, seus princípios e métodos.** Rio de Janeiro: Agir, 1981.

HILGERT, J. G. **Procedimentos de reformulação: a paráfrase.** In: PRETI, D. (Org.) *Análise de textos orais.* São Paulo: Humanitas – FFLCH/USP, 2003.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **Análise da Conversação: princípios e métodos.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização.** São Paulo: Parábola, 2010.

MEDINA, C. A. **Entrevista. O diálogo possível.** São Paulo: Ática, 2008.

URBANO, H. **Marcadores conversacionais.** In: PRETI, D. (Org.) *Análise de textos orais.* São Paulo: Humanitas – FFLCH/USP, 2003.